

Panorama e estatísticas do fenômeno religioso no Brasil

Jesús Hortal

I. As dificuldades da pesquisa

Se em todas as áreas da pesquisa social resulta difícil obter dados confiáveis no Brasil, a dificuldade se aprofunda no campo religioso, porque não existe uma estatística oficial a respeito. O *Anuário do Culto Protestante*, que era publicado pelo IBGE, há tempos deixou de existir. As pesquisas sobre adscrição religiosa são feitas por amostragem de domicílios, o que dá uma margem de erro relativamente grande, num campo como o religioso, onde os fatores complicadores, como a concentração geográfica de certas confissões religiosas e até a inibição social para certos grupos minoritários, se entrecruzam. Apesar de ter realizado uma PNAD, em 1988, o IBGE até agora não publicou os resultados. Por isso, teremos de nos valer de outras fontes, notadamente da pesquisa realizada em 1990 pelo Instituto Gallup de Opinião Pública, para o Centro João XXIII (IBRADES), do Rio de Janeiro¹. Embora limitada, por ter pesquisado apenas cidades de 50.000 ou mais habitantes, não deixa de ser o que há de mais confiável no nosso campo. As publicações das próprias Igrejas tendem, quase sempre, a aumentar desmesuradamente o contingente dos seus seguidores². Estimativas como as de Gouvêa Mendonça³ podem servir como dado adicional, mas carecem do rigorismo dos levantamentos científicos.

¹ Agradeço ao Pe. Francisco Ivern, Diretor do IBRADES, que gentilmente me forneceu o resultado das estatísticas do Gallup.

² Em conversas com pastores, temos ouvido avaliar os membros da Assembléia de Deus em 30.000.000; e os da Igreja Universal do Reino de Deus em 10.000.000. Nenhum dos levantamentos estatísticos corroboram esses dados.

³ A. GOUVÊA MENDONÇA, "Um panorama do protestantismo brasileiro atual", em *Sinais dos tempos. Tradições religiosas no Brasil*, Cadernos do ISER nº 22, Rio de Janeiro, 1989, 37-86.

Inclusive cingindo-nos às pesquisas dos Institutos de Opinião Pública, não deixa de haver certo grau de ambigüidade nelas, porque o questionário não pode recolher a enorme quantidade de variáveis existentes. Se, por exemplo, num inquérito com resposta estimulada se perguntar a um batista se ele é católico, protestante, espírita, afro-brasileiro ou seguidor de religiões orientais, com certeza responderá que não é nada disso, o que não nos autorizará a classificá-lo como "sem religião". Sobretudo, faltam-nos dados confiáveis em relação ao crescimento das chamadas "seitas", tanto dos grupos pentecostais e neocristãos (mórmons, testemunhas, adventistas, etc.) como dos de tendência orientalista, como os Hare-Krishna, a Igreja Messiânica Mundial ou o Seicho-no-iê.

II. Três fatores básicos: religiosidade de fundo; catolicismo declinante; identidade confessional debilitada

Examinando as estatísticas disponíveis, parece-me que se podem constatar três tendências básicas na evolução do universo religioso brasileiro.

Em primeiro lugar, uma religiosidade de fundo. É extremamente significativo que, na pesquisa Gallup não estimulada, 9,2% dos entrevistados se declararem sem religião; percentagem que, na estimulada, sobe para 18,7%. Mas na questão sobre as crenças, nada menos do que 89,7% dos que se declararam sem religião dizem acreditar em Deus, e apenas 5,5% (ou seja, somente um por cento da população, se tomarmos como base os 18,7% da resposta estimulada; ou 0,5%, se a base for os 9,2% da não estimulada) afirmam não acreditar "em nada".

Algo semelhante se deduz de uma outra pesquisa, feita pelo IBOPE, entre 3 e 10 de dezembro de 1990. A amostragem foi de 3.650 pessoas, num universo nacional, e o questionário se referia à credibilidade das instituições. Ora, "a Igreja", com 78%, levou o recorde de aprovação, a uma distância bem grande do segundo colocado (o rádio, com 58%). Por motivo dessa pesquisa, fui convidado a participar de uma mesa redonda, no "Canal Livre" da TV Bandeirantes. As entrevistas feitas na rua, porém, pareciam indicar que para a maioria das pessoas, "Igreja" era simplesmente sinônimo de "religião", não necessariamente institucionalizada.

Essas estatísticas encontram uma confirmação empírica muito clara. É praticamente impossível, fora de círculos intelectuais muito restritos, encontrar, no Brasil, quem se proclame abertamente ateu. Ainda mais, a sociedade, como um todo, rejeita tal tipo de declarações, como apareceu muito claramente, por exemplo, no caso da anterior disputa eleitoral para a prefeitura de São Paulo. Essa religiosidade, porém, não significa necessariamente compromisso com uma organização religiosa (Igreja, congregação, etc.). A crença e a prática religio-

sa passaram para a esfera do individual. Cada vez resulta mais difícil uma adesão plena a uma Igreja concreta.

O segundo fator do panorama religioso brasileiro, conforme dizíamos, é a constatação do declínio do catolicismo, em termos percentuais. Conforme dados do IBGE, em 1872, em pleno regime de união entre a Igreja e o Estado, 99,7% dos brasileiros declaravam-se católicos. Um ano após a proclamação da República, em 1890, eram 98,9%. A partir de 1940, quando os recenseamentos passaram a ser feitos com maior rigor, encontramos as seguintes percentagens:

1940: 95,0%; 1950: 93,5%; 1960: 93,1%; 1970: 91,8%; 1980: 89,1%

Não foi publicada nenhuma estatística do IBGE relativa a 1990. Dados, porém, de uma pesquisa feita em 1988, pelo mesmo Instituto e dos quais tivemos notícia particular, indicam que, naquele ano, 85,9% dos brasileiros se declaravam católicos. Isso permite concluir que, em 50 anos, de 1940 a 1990, a presença da Igreja católica no universo populacional brasileiro caiu dez pontos percentuais.

Mais preocupante ainda é a pesquisa do Instituto Gallup, em março e novembro de 1990. Com resposta não estimulada, somente 76,2% dos brasileiros se diziam católicos. Na estimulada, porém, com o forte crescimento, já indicado, dos que se proclamam sem religião (18,7%), os católicos passam para apenas 58,8%. Como correção, talvez pudéssemos acrescentar a grande maioria dos 2,9% que responderam "católicos brasileiros", pois a pergunta pode ter induzido a erro a muitos que nem sequer sabem da existência da ICAB (Igreja Católica Apostólica Brasileira) e outros corpos afins. Mesmo assim, os católicos declarados não seriam mais do que 61%. Como dizíamos, esta pesquisa foi levada a cabo nas cidades de mais de 50.000 habitantes, o que também poderia induzir um outro fator corretor: no interior, com uma sociedade mais conservadora, a presença da Igreja católica é mais forte do que nas cidades. Em resumo, podemos admitir que, na atualidade, não mais de 85% dos brasileiros reconhecem a sua adscrição à Igreja católica, e que essa proporção diminui sensivelmente para algo entre 70 e 75%, quando as pessoas avaliam a sua pertença em termos de adesão pessoal e não simples adscrição inicial, não renegada formalmente.

A diminuição da percentagem de católicos no Brasil, por outro lado, não é um fenômeno passageiro. É constante, desde o último terço do século XIX, com uma certa acentuação nos anos sessenta e oitenta. A atual presença maciça de grupos, como os pentecostais, com forte atividade proselitista, faz prever que o declínio do catolicismo no Brasil, em termos numéricos, longe de ter chegado ao seu fim, continue em andamento. Outra questão seria determinar as causas desse declínio. Uma vez mais, encontramos sem base estatística firme para conclusões certas. Também aqui a complexidade do fenômeno e a sua inter-relação com outros fenômenos sociais, como a urbanização, as migrações internas, o impacto da mídia e a generalização da instrução, põe-nos diante de uma tarefa extremamente difícil.

Como *terceiro fator* caracterizante do universo religioso brasileiro, apontava uma identidade confessional debilitada. É algo que atinge não apenas os católicos, mas também os membros de outras confissões. Não é infreqüente encontrar pessoas que participam, simultânea ou sucessivamente, de cultos de diversas denominações. E as motivações para esse comportamento são das mais variadas. Já ouvi, de pessoas que afirmavam ser católicas, mas que, durante certo tempo, participaram de cultos batistas, pentecostais ou de outras denominações protestantes, que iam lá "porque os hinos que cantavam eram muito bonitos", "porque o namorado(a) era daquela igreja e pediu para acompanhar", "porque também falam de Deus e de Jesus", "porque ficava mais perto de casa". Faltava, realmente, uma maior motivação, baseada na fé. Seria também este um tema de estudo, a ser aprofundado com levantamentos estatísticos sérios.

Isto leva a uma flutuação relativamente forte da adscrição confessional. Quando, por exemplo, surge uma nova denominação pentecostal, vai encontrar o primeiro grupo de adeptos entre os membros de outros grupos pentecostais, mesmo que depois faça incursões no campo católico ou do protestantismo histórico. Isso, aliás, já aconteceu no início do pentecostalismo no Brasil, que se propagou na base de provocar rachas nas Igrejas batistas e presbiterianas. A própria visão e organização, de base congregacional, dos pentecostais facilita essa flutuação. Não é raro conhecer pessoas que pertenceram à Assembléia de Deus, passaram para "O Brasil para Cristo", depois foram para a "Deus é Amor" e hoje estão na "Universal do Reino de Deus", sem deixar de marcar presença em missas de sétimo dia ou de celebração de 15 anos. Daí a pouca confiabilidade das estatísticas apresentadas por essas igrejas. Contam certamente os ganhos; contam também as perdas?

Para ilustrar essa flutuação confessional, tomemos um caso concreto, tanto mais significativo quanto se trata de um grupo que, por ser francamente minoritário, com atitudes que sociologicamente poderiam ser qualificadas de "sectárias", tende a uma maior coesão interna. Falo dos Adventistas do Sétimo Dia, e a estatística se refere à Divisão Sul-Americana, não só do Brasil.

	1982	1983	1984	1985	1986
Batismos	60.025	68.452	71.537	70.247	74.544
Mortes	2.464	2.328	2.623	3.002	2.521
Apostasias	26.677	21.880	19.921	23.201	20.502

(Fonte: *Revista Adventista*, fev. 1988, p. 39-41)

Quantas "apostasias" se dão, digamos, na Assembléia de Deus, na Universal do Reino de Deus ou na Congregação Cristã do Brasil? Ninguém sabe. Mas o número não deve ser muito baixo.

III. Um protestantismo em contínua expansão

A flutuação confessional de que falamos não nos deve induzir a erro. A expansão do protestantismo é contínua e firme, embora menor do que poderia aparecer à primeira vista. Tomamos a denominação "protestante" no sentido mais comum entre os católicos, ou seja, compreendendo também os batistas, os anglicanos, os pentecostais e o que os norte-americanos denominam "seitas" (mórmons, testemunhas, adventistas, etc.). Ora conforme dados do IBGE, que usa a denominação "evangélicos", a evolução do protestantismo no Brasil é a seguinte:

1890: 1%; 1940: 2,6%; 1950: 3,3%; 1970: 5,2%; 1980: 6,6%

Como já falei, não existe ainda uma publicação oficial dos dados colhidos na pesquisa de 1988, e não conheço a percentagem então apurada de protestantes. Levando, porém, em conta, como já vimos, que o número de católicos tinha caído de 89% para 85%, mas que também aumentara significativamente o dos que se declaravam sem religião, o de protestantes ou evangélicos não deve ser superior, atualmente, a 8%.

Na pesquisa Gallup, realizada por encomenda do IBRADES, onde a percentagem de católicos parecia ter caído significativamente, os protestantes aparecem com 9,6%, quando a resposta é estimulada, e com 7,2%, quando é espontânea ou não estimulada. Conforme já falei, dado o universo pesquisado pelo Instituto Gallup, com exclusão dos núcleos menores e mais rurais de população, o resultado parece confirmar a estimativa dos 8%. De todos modos, não há dúvida de que o protestantismo, como um todo, continua em expansão no Brasil.

Mais difícil, porém, resulta avaliar o contingente e a força expansiva de cada denominação. Gouvêa Mendonça, no trabalho anteriormente citado, dá as seguintes estimativas, para 1989:

<i>Luteranos</i>		<i>Batistas</i>	
<i>Batistas</i>		Convenção Nacional	300.000
IECLB	1.200.000	Outros batistas	1.010.000
IELB	200.000	<i>Episcopais</i>	20.000
<i>Congregacionais</i>	60.000	<i>Pentecostais</i>	
<i>Presbiterianos</i>		Congregação Cristã	1.000.000
IPB	220.000	Ass. de Deus	3.000.000
IPI	61.696	Evang. Quadrang	100.000(?)
IPU	5.000	O Brasil p/ Cristo	100.000(?)
Outros presbit.	5.000		
<i>Metodistas</i>	60.000		

Os números referentes à Igreja do Evangelho Quadrangular e a "O Brasil para Cristo" não são do próprio Mendonça, mas estimativas minhas, baseadas

em alguns dados por ele apontados. O citado autor não se arrisca a fazer nenhuma projeção numérica a respeito do que ele chama "movimento de cura divina" (Igreja "Deus é Amor" e outros grupos semelhantes); muito menos dos grupos neocristãos, como mórmons, adventistas e testemunhas de Jeová, de que nem sequer trata, por não considerá-los protestantes. Acrescentando tudo, chegaríamos provavelmente a uns 10.000.000 de protestantes, ou seja, aproximadamente, 7% da população brasileira. A estimativa parece um pouco baixa e nela pode ter influído o pessimismo de Mendonça em relação ao futuro do protestantismo histórico no Brasil. Em todo caso, mostra que a minha estimativa dada anteriormente (8%) não deve estar muito longe da realidade.

Para completar o quadro do protestantismo, vejamos os dados de adscrição às diversas confissões, tal como aparecem na pesquisa Gallup:

Com resposta estimulada	Sem resposta estimulada
Assembléia de Deus2,4%	Batistas4,3%
Batistas1,1%	Pentecostal2,8%
Presbiterianos0,8%	Presbiterianos0,6%
Luteranos0,5%	Luteranos0,4%
Adventistas0,4%	Adventistas0,3%
Congregacionais0,2%	Metodistas0,1%
Metodistas0,1%	Mórmons0,1%
Anglicanos0,1%	Igreja Universal0,4%
Testemunhas de Jeová0,7%	Testemunhas de Jeová0,6%
Mórmons0,1%	
"Deus é Amor"0,5%	
Evang. Quadrangular0,2%	

Esta parte da pesquisa apresenta resultados, pelo menos, surpreendentes, porque, contra o que se costuma afirmar, não confirma um predomínio tão absoluto das denominações pentecostais, que parecem continuar na mesma proporção que já tinham no censo de 1980: um pouco mais da metade do protestantismo brasileiro. Dado, porém, o método de pesquisa empregado, e dada a falta de outros inquéritos que possam servir de confronto, não é um dado que se possa aceitar como completamente certo. Isso também aparece pela disparidade relativamente forte entre as respostas estimuladas e as não estimuladas: os batistas passam de 1,1% na estimulada para 4,3% na não estimulada! Não está isso a indicar a falta de identificação confessional, exceto no caso dos batistas e dos grupos mais tradicionais, como luteranos, anglicanos e metodistas?

IV. Um universo religioso, cada vez mais fragmentado

Como facilmente se deduz do que vimos até agora, não é só em função do avanço protestante que o catolicismo tem regredido, em termos numéricos, no Brasil. O pluralismo religioso é cada vez maior, no nosso país, mas as estatísticas disponíveis nos mostram que há uma resistência inconsciente a reconhecer as mudanças reais de religião. Vejamos os dados do IBGE⁴:

Em 1980, apenas 1,4% da população brasileira se declarava "espírita" (0,8% kardecistas; 0,6% afro-brasileiros); 0,2% diziam ser seguidores de "cultos orientais"; 0,1% eram israelitas e 0,8% falavam que seguiam "outros cultos".

Como escrevi numa outra obra minha, "o que chama a atenção no censo de 1980 talvez seja o baixíssimo percentual dos que se declaram 'espíritas', englobando também nessa denominação os cultos afro-brasileiros. Há aí a manifestação de um fenômeno repetidas vezes apontado: para muitos brasileiros, não só católicos, mas também protestantes, 'religião' mesmo é algo que acontece em 'igreja' ou 'templo', enquanto 'sessão' (em salão ou terreiro) é algo que se pratica, mas que não define a identidade da pessoa do ponto de vista religioso. Também levanta uma certa suspeita o índice inexpressivo dos que se declaram membros de uma religião 'oriental': apenas 0,2%, equivalentes em 1980 a menos de trezentas mil pessoas. Se levarmos em conta a população de origem japonesa, coreana e chinesa que permanece fiel ao budismo ou ao xintoísmo, dá a impressão que o Seicho-no-lê e outros grupos neobudistas e neo-hinduístas não têm nenhum adepto no Brasil. Será realmente assim?"⁵

Na pesquisa Gallup de 1988, surgem as mesmas perplexidades:

Com resposta estimulada

Espírita científica	0,8%
Espírita cristã	2,9%
<i>Total espírita</i>	3,7%
Candomblé	0,5%
Umbanda	1,0%
<i>Candomblé + Umbanda</i>	1,5%
Budista	0,4%
Judaica	0,1%
Seicho-no-lê	0,3%
Messiânica	0,1%
Outras	0,8%
Sem religião	9,2%

Sem resposta estimulada

<i>Total espírita</i>	4,6%
Candomblé	0,2%
Umbanda	0,2%
<i>Candomblé + Umbanda</i>	0,4%
Budista	0,2%
Seicho-no-lê	0,3%
Ortodoxos	0,1%
Outras	0,1%
Sem religião	18,7%

⁴ Cf. IBGE, *Tabulações avançadas do censo demográfico de 1980*, 11.

⁵ J. HORTAL, *E haverá um só rebanho*, São Paulo, 1989, 100.

Embora nesta pesquisa se perceba uma maior identidade dos espíritas de tipo kardecista, o mesmo não acontece com os afro-brasileiros e com os seguidores de cultos orientais. Um outro ponto que também relativiza as pesquisas de que dispomos é o fato de os ortodoxos só aparecerem nas respostas não estimuladas; e que os cultos tipicamente sincréticos, como Santo Daime, Vale do Amanhecer, Universo em Desencanto, Legião da Boa Vontade, etc. não apareçam em nenhuma estatística. Por outro lado, já falamos do possível significado da expressão “sem religião” e a grande disparidade entre um tipo de pesquisa e o outro.

Realmente, faltam-nos dados estatísticos sobre o crescimento dos grupos neo-orientais e sincréticos. Seria esta também uma tarefa para os que se dedicam à pesquisa social.

V. Uma identificação religiosa questionável

Se da simples consciência subjetiva de adscrição a determinada confissão religiosa, passarmos para a coerência na aceitação das crenças que essas confissões impõem, veremos que o quadro religioso brasileiro se complica ainda mais. Conhecemos empiricamente que na linguagem comum de nosso povo se misturam expressões de origem católica — a começar pelo tão comum “Nossa [Senhora]!” —, com outras nitidamente espíritas, umbandistas ou astrológicas. Mesmo entre clérigos e religiosos, não é difícil ouvir falar, em tom de brincadeira, de “baixo astral”, “oração forte”, “próxima encarnação”, “guia”, etc. Também o que poderíamos chamar de “protestantismo popular” legou um certo pensamento comum, com expressões como “Jesus salva”, “Jesus tem poder”, ou atitudes como um uso quase-mágico da Bíblia.

Mas essa linguagem é reveladora de um fenômeno mais profundo detectado pela pesquisa do Instituto Gallup. Eis o quadro das respostas ao que eles chamam “agenda de crenças”:

Você acredita em:	Total	Católicos com frequência semanal	sem religião
Deus	98,5%	99,9%	89,7%
Céu	74,0%	80,5%	55,9%
Vida depois da morte	61,0%	64,0%	50,6%
Destino	58,6%	60,0%	45,4%
Inferno	49,6%	55,6%	44,1%
Reencarnação	45,4%	45,9%	39,9%
Horóscopo	19,4%	19,6%	15,7%
Amuletos	17,8%	16,3%	12,1%
Cartomantes	12,5%	11,9%	8,5%
Em nada	0,5%	0,1%	5,5%

Perante este quadro, pode-se perguntar, com toda a razão, se boa parte dos que se declaram “católicos” no Brasil o são realmente. Sobretudo, o dado, relativo à reencarnação parece indicar que o espiritismo kardecista, embora não tenha conseguido se expandir como religião nem teoricamente o pretenda, acabou por impregnar a nossa cultura. Mas também parece detectar-se certa tendência à homogeneização das crenças, pela qual “o importante é ter fé”, sem determinar muito em que consiste essa fé. Daí que grupos fortemente agressivos — como certos pentecostais em relação aos cultos afro-brasileiros — despertam a oposição quase instintiva entre grandes camadas da nossa população.

Essa homogeneização se detecta também nas atitudes morais. As respostas dadas, dentro do inquérito do Instituto Gallup, sobre o modo de encarar o aborto, são extremamente semelhantes, independentemente da adscrição religiosa dos entrevistados. A questão proposta foi a seguinte: “Na sua opinião quem pratica o aborto deveria ser punido em qualquer caso, só em certos casos ou não deveria ser punido?” Eis o quadro das respostas:

Quem pratica o aborto deveria ser:	Católicos	Outras religiões	Sem religião
Punido em qualquer caso	25,96%	28,51%	22,31%
Punido só em certos casos	55,21%	47,81%	57,02%
Nunca deveria ser punido	15,90%	18,86%	17,36%
Não têm opinião	2,93%	4,82%	3,31%

Ainda podemos ver a incoerência na adscrição confessional declarada, olhando a prática religiosa. O Instituto Gallup fez, recentemente, dois levantamentos, com resultados bem similares, em relação à frequência semanal a uma igreja ou templo:

Religião	(Gallup 05/07/88) Frequência semanal	(Gallup 03/90) Frequência semanal
Católicos	33%	32%
Outras religiões	56%	59%

Pode-se-ia pensar que a pesquisa não é exata, porque a percentagem dos católicos que declaram ir semanalmente à igreja parece ser relativamente alta. Mas, pelo que me foi dado conhecer, coincide basicamente com os dados apurados pela PNAD do IBGE, de 1988.

VI. À maneira de conclusão

Dos dados recolhidos e da observação pessoal, creio que se podem deduzir algumas conclusões:

1) O Brasil continua a ser um país fundamentalmente religioso, onde a procura do encontro com Deus forma parte da vida cotidiana.

2) Essa procura do religioso tende a ser vivida com os menores compromissos e fidelidades institucionais possíveis.

3) Por isso, as fronteiras confessionais estão perdendo significado para boa parte da nossa população. Ainda mais: o "Credo" passou a ser um "Credo" individual, criado para o gosto do consumidor.

4) Os grupos religiosos que têm maior sucesso são precisamente os que parecem ter menores exigências e que se apresentam como "agências de prestação de serviços religiosos", de acordo com a sociedade de consumo.

Jesús Hortal, SJ é doutor em Filosofia pela Universidade Santo Tomás (Santo Domingo, República Dominicana) e doutor em Direito Canônico pela Pontifícia Universidade Gregoriana (Roma). É diretor do Departamento de Teologia da PUC/RJ e professor de direito canônico na mesma Faculdade e no CES (Belo Horizonte — MG). Atuante, há longos anos, no campo do ecumenismo, forma parte do grupo de acompanhamento de novos movimentos religiosos, instituído pela CNBB. Autor de numerosos livros, entre os quais se destacam: *O que Deus uniu*. Lições de direito matrimonial canônico (São Paulo: Loyola, 1979). *Os sacramentos da Igreja na sua dimensão canônico-pastoral* (São Paulo: Loyola, 1987). *E haverá um só rebanho: história, doutrina e prática do ecumenismo católico* (São Paulo, 1989).

Endereço: Marquês de São Vicente, 293 — 22451 Rio de Janeiro — RJ